

Percepção dos Acadêmicos de Medicina frente à Pandemia da COVID-19



<https://doi.org/10.56238/futuroeducpesqtrans-052>

Louíse Tainá Tormem

Graduação em Medicina
Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

Patrícia Alves de Souza

Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente
Universidade do Planalto Catarinense, Brasil

RESUMO

O estudo objetiva explorar a percepção dos acadêmicos de medicina frente à pandemia da COVID-19 em relação as alterações no processo de ensino e aprendizagem. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionário eletrônico aos acadêmicos do primeiro ao sexto ano do curso através da plataforma Google Forms em 2020. Estes dados foram analisados descritivamente com representações gráficas no programa Excel 14.0. Observou-se que 76,6% não auxiliaram no

atendimento de pacientes com COVID-19. Em relação a questões de saúde mental, 73,5% notaram alguma mudança de comportamento durante a paralisação das atividades da universidade; 44,1% dos acadêmicos não consideraram seu sono reparador, apresentando-se cansados ao acordar. Quanto ao uso de psicofármacos, 18,2% precisaram aumentar a dose das medicações já utilizadas e 13,7% iniciaram uso. Conclui-se que as aulas teóricas e discussões de casos clínicos ocorridas online foram essenciais para a não interrupção total do seguimento do ano acadêmico e o agravamento de problemas psicológicos já existentes e o diagnóstico de novos casos entre os estudantes alertam para a necessidade de maior rede de apoio psicológica a ser oferecida pela universidade aos acadêmicos de medicina.

Palavras-chave: Epidemiologia, Ensino, Educação médica, Pandemia, COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, ao final de março de 2022, já havia registrado quase 660.000 óbitos desde o início da pandemia da COVID-19. Estima-se que a pandemia seja responsável por mais de seis milhões de casos pelo mundo (Brasil, 2022).

A transmissão do COVID-19 acontece a partir de indivíduos sintomáticos ou não, principalmente através do contato de gotículas de pacientes infectados ao tossir, falar ou espirrar, por contato direto ou próximo, seja por mal higienização das mãos, superfícies ou objetos contaminados, seguido de contato com a boca, nariz ou olhos. A transmissão ocorre, principalmente, de pessoa para pessoa e seu período de incubação, que é o tempo para que os primeiros sintomas apareçam, pode ser de 2 a 14 dias (Brasil, 2022; Chan et al, 2020).

A rápida disseminação e a dificuldade de contenção do vírus fizeram o coronavírus ganhar grandes proporções em curto período. Segundo o Ministério da Saúde (MS), o país apresentava 9 casos em investigação em 7 de fevereiro de 2020. No dia 26 de fevereiro, ocorreu a primeira confirmação de



infecção do vírus em território brasileiro e no dia 17 de março a primeira morte confirmada (Brasil, 2022; Lana, 2020).

A exemplo dos surtos causados por outros coronavírus respiratórios humanos que surgiram nas últimas duas décadas (SARS-CoV, MERS-CoV), o novo coronavírus Sars-CoV-2 pode causar doença respiratória potencialmente grave em alguns indivíduos, principalmente em adultos acima de 60 anos e em portadores de comorbidades prévias. Além de atingir os pulmões, a doença pode acometer rins, fígado, trato gastrointestinal, coração, sistema cardiovascular, cérebro, sistema nervoso central, também ocasionando alterações na cascata de coagulação e o sistema hematopoiético, (Duarte-Neto, 2020; Zhu et al, 2020).

Como estratégia para conter a disseminação do COVID-19, o governo Estado de Santa Catarina decretou suspensão de atividades consideradas não essenciais. Com isso, as aulas presenciais nas escolas e universidades foram paralisadas e a partir disso (Governo do Estado de Santa Catarina, 2020) foram realizadas alternativas para manter da melhor forma de ensino. Algumas das medidas adotadas pelas universidades foram as ampliações da utilização do Ensino a Distância (EAD) e das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

As TDICs são tecnologias em que o computador é o instrumento principal de ensino e aprendizagem, permitem a produção, o acesso e a disseminação de informações com o objetivo de captar, transmitir e distribuir, de forma precisa e rápida, as informações (Chagas, 2020). A partir da Lei nº 9.394 de 1.996 o Ministério da Educação (MEC) começou a aceitar o ensino a distância como vigente emitindo diplomas para o EAD. Para viabilizar o ensino frente ao distanciamento social, o MEC, por meio das portarias 343 e 345 de 17 e 19 de março de 2020, autorizou a substituição das disciplinas presenciais do primeiro ao quarto ano do curso de medicina por aulas não presenciais que utilizem as TDICs (Brasil, 2020). Dessa forma, a união do EAD com as TDICs permitiu a expansão do ensino não presencial, tornando-se possível o ensino universitário nas escolas médicas, desde que o estudante tenha acesso a internet.

Dada a dimensão da pandemia, em várias partes do mundo os governos receberam participação dos estudantes de medicina no enfrentamento da crise sanitária. Para auxiliar no combate ao novo Corona vírus, o MEC autorizou estudantes universitários da área da saúde a fazerem estágios nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) no programa intitulado “O Brasil conta comigo”, com o objetivo dar apoio aos gestores, no âmbito das três esferas de governo, em relação ao planejamento de recursos humanos para enfrentamento à pandemia. Para os estudantes do curso de medicina essa atividade foi preferencial aos estudantes do 5º e 6º ano supervisionados por profissionais registrados e teriam as horas de serviço prestado contadas como estágio obrigatório. Em áreas de maior demanda de assistência, ofereceu-se bonificação financeira de um e de meio salário mínimo para 40 e 20 horas em



campo, respectivamente. Além disso, a atuação dos alunos contou pontos no ingresso a programas de residência médica do Ministério da Saúde (Brasil, 2020; GI et al, 2020).

Uma pesquisa realizada na Universidade Federal de São Paulo (USP) no ano de 2015 (Vasconcelos, et al 2015) evidenciou que cerca de 38,5% dos acadêmicos do curso de medicina apresentaram durante a sua formação algum tipo de transtorno psicológico, como depressão ou transtorno de ansiedade generalizada, atribuídos a tradição cultural do curso ser um dos mais exigentes em relação a carga horária e tempo de dedicação aos estudos. Com isso, buscou-se entender qual o impacto gerado por uma pandemia sobre o processo de aprendizagem e saúde mental dos acadêmicos de medicina.

2 METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo qualitativo e quantitativo, de caráter descritivo e transversal. O delineamento ocorreu com uma população de, no mínimo 15 estudantes de cada ano matriculados do primeiro ao sexto ano da graduação.

Os dados foram coletados por meio de aplicação de questionário eletrônico estruturado pelos pesquisadores através da plataforma Google Forms. Os participantes foram convidados por recebimento de e-mail institucional, com o link do formulário junto ao TCLE, o qual deveria ser preenchido para dar seguimento as respostas.

A pesquisa analisou indicadores como: sexo, idade, estado civil, naturalidade, e ano do curso. Aos acadêmicos do quinto e sexto ano da graduação foram feitas perguntas específicas em relação a participação de programa para auxiliar no atendimento de paciente com COVID-19, se o estudante recebeu treinamento para enfrentamento da pandemia.

Aos alunos oriundos de outros municípios questionou-se se durante a suspensão das aulas, o acadêmico permaneceu na cidade da universidade, bem como o motivo do permanecimento.

Em relação a qualidade do sono, perguntou-se se considerava seu sono reparador, se havia observado aumento no número de pesadelos noturnos durante a pandemia e se usava alguma substância para dormir. Também buscou-se saber se os estudantes precisaram iniciar o uso de algum psicofármaco ou, para os que já faziam uso anteriormente, se precisaram aumentar a dose no período.

Foram questionados em quais aspectos da vida (psicológico, acadêmico, emocional, físico, social, econômico e espiritual ou religioso) acreditam ter havido alguma mudança devido à pandemia. Se estes repensaram o curso que estão frequentando e se notaram alguma mudança de comportamento gente a pandemia. Por fim, solicitou-se que o participante relatasse o principal aprendizado adquirido no período de pandemia.

Os dados foram analisados descritivamente com representações gráficas no programa Excel 14.0.



O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, de acordo com as normas vigentes na Resolução N° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, sob parecer número 4.347.507 de 19 de outubro de 2020.

3 RESULTADOS

Foram analisados 102 questionários. Em relação a distribuição dos estudantes entre os 6 anos de graduação, 14,7% (15) são do primeiro ano, 14,7% (15) do segundo ano, 22,5% (23) do terceiro ano, 18,6% (19) do quarto ano, 14,7% (15) do quinto ano e 14,7% (15) são do sexto ano.

No Gráfico 1, a seguir, observem a distribuição percentual entre os seis anos da graduação.

Gráfico 1 - Distribuição percentual entre o 1° e 6° anos dos acadêmicos do curso de medicina.



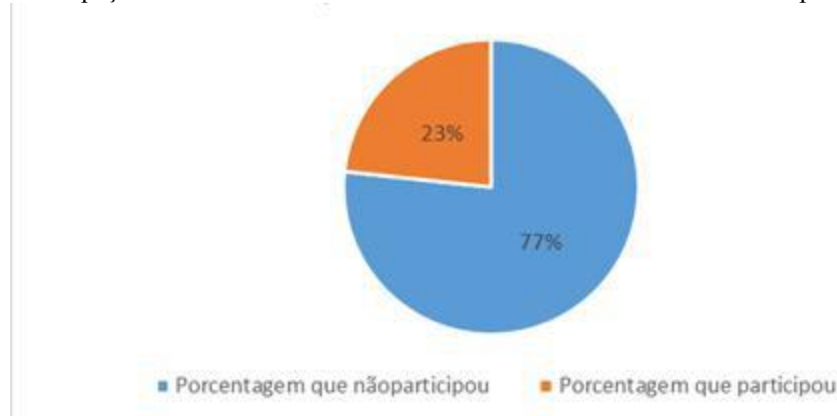
Fonte: Próprios autores.

Quanto ao sexo dos participantes, 56,4% (57) são do sexo feminino e 42,6% (43) do sexo masculino. A faixa etária registrada foi de 40,2% (41) dos estudantes com idade entre 17 e 22 anos, 50% (51) com idade ente 23 e 28 anos e 9,8% (10) com idade superior a 28 anos. Em relação ao estado civil, 95,1% (97) são solteiros.

Observem no Gráfico 2 a participação dos acadêmicos do 5° e 6° ano no auxílio ao atendimento de pacientes com COVID-19.



Gráfico 2 - Participação dos acadêmicos do 5º e 6º ano no auxílio ao atendimento de pacientes com COVID-19.



Fonte: Próprios autores.

Note que nas perguntas direcionadas para os estudantes do 5º e 6º anos, 23 (76,6%) afirmaram não auxiliar no atendimento de pacientes com COVID-19, 7 (23,3%) disseram que sim.

Quando os estudantes do 5º e 6º anos foram questionados sobre terem recebido treinamento para o enfrentamento da pandemia do COVID-19, 21 (72,4%) disseram que não receberam e 8 (27,6%) que receberam. Dos que receberam treinamento, 3 (37,5%) o consideraram satisfatório para o enfrentamento. Questionados se sugerem que o envolvimento de acadêmicos no atendimento seja continuado em uma eventual próxima pandemia, 24 (82,7%) responderam que sim, 4 (13,8%) responderam que não, e 1 (3,4%) não quis responder.

Dentre os acadêmicos naturais de outros municípios, 62,1% (41) não permaneceram na cidade da universidade e 37,9% (25) permaneceram. Dentre os que permaneceram, 13 (41,9%) escolheram ficar, 7 (22,5%) relataram impossibilidade de deslocamento por falta de transporte e 11 (35,4%) não quiseram responder.

Sobre a qualidade do sono, 44,1% (45) não consideram seu sono reparador, ou seja, ao acordar se sentem cansados. Quando questionados se observaram aumento do número de pesadelos noturnos no período da pandemia, 34,3% (35) disseram que observaram. Sobre o uso de substâncias para dormir, 11 acadêmicos relataram usar alguma substância, dentre elas zolpidem, melatonina, passiflora incarnata L., fitoterápicos, clonazepam e bromazepam. Em relação a necessidade de iniciar o uso de algum psicofármaco, 13,7% (14) disseram que sim. Para os que já faziam uso de psicofármaco, 6 relataram que precisaram aumentar a dose e 27 disseram que não precisaram aumentar.

Questionados sobre em as quais áreas acreditam que a pandemia trouxe mudanças: 92,2% (94) acadêmica, 87,3% (89) psicológica, 85,3% (87) emocional, 74,5% (76) física, 82,4% (84) social, 75,5% (77) econômica, e 41,2% (42) espiritual ou religiosa.

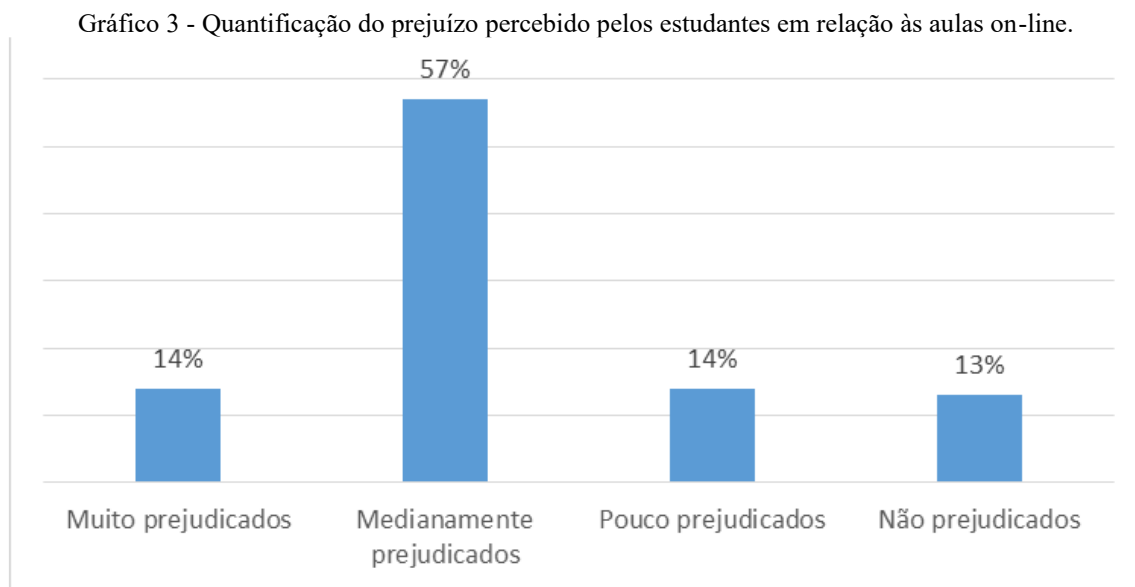
Se, durante o período da pandemia, repensaram o curso que estão frequentando, 17,6% (18) disseram que repensaram.



Questionados se notaram alguma mudança de comportamento durante a paralisação da universidade, 73,5% (75) disseram que sim, 22,5% (23) disseram que não e 3,9% (4) não souberam responder.

Sobre o período com aulas presenciais suspensas, 87,3% (89) tiveram acesso a aulas on-line, 11,8% (12) disseram que não. Oitenta e oito (86,3%) acadêmicos responderam que não consideraram as aulas on-line equivalentes as aulas presenciais e 12 (11,8%) estudantes consideraram. Questionados se consideram seu processo de ensino e aprendizagem prejudicado pelas novas modalidades de ensino, 74,5% (76) disse que sim, 20,6% (21) disse que não, 5 não souberam responder.

Observem no Gráfico 3 os graus em que os acadêmicos se sentiram prejudicados com o ensino por meio de aulas online:



Fonte: Próprios autores.

Para quantificar o quanto se sentiram prejudicados, 14% (14) se sentiram muito prejudicados, pois consideraram as aulas on-line nulas para o aprendizado; 57% (57) disseram-se medianamente prejudicados, a grande maioria dos conteúdos foram bem aproveitados; 14% (14) disseram-se pouco prejudicados, pois poucos momentos foram bem aproveitados e 13% (13) não se sentiram prejudicados.

Por fim, receberam a seguinte pergunta “qual o principal aprendizado para você nesse período que passamos durante a pandemia?”. O tema “organização” do tempo com quem amam, da rotina de estudos, tempo de lazer, foi referido em 6 respostas (5,8%). Outros 6 (5,8%) acadêmicos consideraram que enfrentar as adversidades advindas da pandemia foi o principal aprendizado.

Relacionadas a vida acadêmica e profissional apareceram 8 vezes (7,8%), estando relacionadas a empatia com os pacientes, a necessidade de adaptações, fontes científicas confiáveis, e uma fazendo



crítica ao ensino a distância. Mudanças de percepção de vida e mudanças de comportamento se mostraram em resposta com as palavras “ressignificação” e “valorização”.

Isoladamente, o termo “empatia” foi o mais citado, com 15 acadêmicos (14,8%). “Paciência” foi citada 8 vezes (7,8%) nas respostas. Outros temas frequentes foram “autocuidado” e “saúde mental”, citados em 16 respostas (15,8%) ao tratar o quanto essas questões foram relevantes e sofreram transformações. Apenas 3 (2,9%) respostas falaram sobre a COVID-19 não ser uma “gripezinha”, cuidados para reduzir transmissão e necessidade de vacinação.

4 DISCUSSÃO

A maioria dos acadêmicos (57) que responderam ao questionário são do sexo feminino (56,4%), solteiros (95,1%), em consoante com dados encontrados na literatura (Miranda, 2020). A faixa etária mais frequente encontra-se entre 17 e 28 anos de idade, com porcentagem acumulada de 90,2%. Em estudo que avaliou o perfil socioeconômico dos estudantes de medicina, predominaram os nascidos em cidade do interior do Estado onde estudam (54,2%) (Cardoso et al, 2015).

A pesquisa buscou avaliar a participação dos acadêmicos do internato (5 e 6 anos) (16% dos estudantes entrevistados) no enfrentamento da pandemia.

Sales et al (2021) relata que em escolas onde os acadêmicos puderam escolher se continuavam as atividades do internato, muitos pararam suas atividades por medo de transmitir COVID-19 aos familiares, de prejudicar o aprendizado e da escassez de equipamento de proteção individual (EPI). Em outros países observou-se estudantes de medicina ativamente mobilizados, desde no reforço da linha de frente de combate do COVID-19, a iniciativas de voluntariado para informação a população, e trabalho em hospitais de campanha integrando equipes de apoio clínico hospitalar (GI, et al, 2020).

O Ministério da Saúde previa a capacitação dos acadêmicos de medicina e de outros profissionais da saúde para o enfrentamento à COVID-19 (Brasil³, 2020; Brasil², 2020). Pequena parcela (37,5%) recebeu algum treinamento e que este foi predominantemente considerado insatisfatório (62,5%). A falta de treinamento também foi constatada em um estudo que avaliou o impacto da presente pandemia sobre o internato dos acadêmicos de medicina, em que mais da metade dos alunos (58,4%) não recebeu qualquer treinamento (Carrascosa et al, 2020). Já Pott avaliou estágio supervisionado que continha treinamento prático e teórico para todos os acadêmicos do internato que se dispuseram a participar do programa “O Brasil conta comigo”. Ao final, os acadêmicos relataram sentirem-se úteis e que a experiência agregou na formação médica. Assim, sugere-se que a participação dos acadêmicos de medicina em pandemias possa ser uma realidade, com benefícios para formação acadêmica e para a comunidade, desde que haja treinamento adequado.



Buscou-se saber sobre o deslocamento dos estudantes após a paralização das aulas presenciais. Notou-se que a maioria foi para sua cidade de origem (62,1%). Apesar disso, encontramos estudantes (22,5%) que não conseguiram se deslocar por dependerem de transporte coletivo.

Ao avaliar a qualidade do sono nesse período, observou-se que quase metade dos questionados (44,1%) não considerou seu sono reparador e que número expressivo de estudantes (34,3%) passou a vivenciar mais pesadelos noturnos que antes da pandemia.

Amorim et al (2018) observou que 72% dos estudantes de medicina possuem má qualidade do sono. Fato que pode ser em decorrência de usar o horário de sono para estudar, mas também pelo estresse elevado vivenciado pelos estudantes, levando a redução de qualidade de vida e maior incidência de transtornos psiquiátricos.

Estudantes faziam uso de algum psicofármaco para dormir e 13,7% precisaram iniciar o uso de algum psicofármaco. Além disso, 32,3% já faziam uso e destes 18,9% precisaram aumentar a dose de uso. Felipe et al (2021), descreveu em seu estudo que 46,6% dos acadêmicos entrevistados desenvolveu ou agravou quadro de ansiedade e que esse fato pode estar relacionado com a estresse da pandemia. Apesar de transtornos psiquiátricos serem frequentes entre estudantes de medicina, sabe-se que há resistência em admitirem a presença do transtorno e que pequena parcela procura por tratamento (Miranda, 2020).

Número significativo de acadêmicos (17,6%) relataram terem repensado a continuação na graduação que frequentam.

Miranda et al (2020) sugere que o pensamento de desistir do curso costuma surgir em momentos de alto estresse e de falta de realização pessoal, repercutindo assim em todos os aspectos da vida do estudante, como relação familiar, social e profissional (Miranda, 2020).

Predominou a opinião (86,3%) de que as aulas virtuais não são equivalentes as aulas presenciais e 85,5% consideram-se prejudicados em algum grau pelas formas de ensino aplicadas durante a pandemia. Esse fato pode estar relacionado com diversos fatores, dentre eles com o preparo dos docentes. Universidades que dispuseram de treinamento aos docentes para a utilização das ferramentas de ensino remoto tiveram maior grau de satisfação dos acadêmicos, uma vez que contribuiu para a organização docente das estratégias de ensino-aprendizagem. Notou-se também que os docentes com maior contato prévio com as tecnologias, se sentiam mais confortáveis em trabalhar por meio de plataformas on-line. Barros (2022) também conta que os docentes homens relataram maior dificuldade que as mulheres na adaptação às novas ferramentas virtuais. Silva et al (2021) destaca o prejuízo a formação de vínculo entre professores e acadêmicos em consequência do distanciamento que as aulas remotas provocam. Assim, nota-se que o domínio pelos docentes sobre as plataformas digitais de ensino influi sobre a percepção da qualidade das aulas.



5 CONCLUSÃO

As aulas teóricas e discussões de casos clínicos ocorridas por meio de (TDICs) foram essenciais para a não interrupção total do seguimento do ano acadêmico. Apesar disso, não conseguiram suprir as necessidades de ensino e aprendizagem que a formação médica exige. Além do mais, não se dispõe de método de ensino que substitua o contato acadêmico-paciente como forma de humanização do atendimento em saúde.

Não apenas a restrição de convívio social, de aulas presenciais e de estágios mudaram o andamento da graduação, como também a forma com que o estudante encarou emocionalmente tais transformações. O agravamento de problemas psicológicos já existentes e o diagnóstico de novos casos entre os estudantes alertam para a necessidade de maior rede de apoio psicológica a ser oferecida pela universidade aos acadêmicos de medicina. Especialmente em períodos críticos enfrentados durante a formação médica e em momentos de grandes mudanças forçadas ao curso, as quais geram grande insegurança, precisam ser melhor acompanhados pelas instituições de ensino.

Dessa maneira, espera-se que em futuros períodos de adversidade, o presente estudo contribua para orientar ações relacionadas a educação médica e apoio aos alunos. Sugere-se novos estudos pós-pandemia para avaliar estes impactos a longo prazo.



REFERÊNCIAS

- Amorim, B. B., et al (2018). Saúde Mental do Estudante de Medicina: Psicopatologia, Estresse, Sono e Qualidade de Vida. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(2), 245-254. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v7i2.1911>
- Barros, L. C. M., et al. (2022). Teachers' perception of remote teaching in medicine during the pandemic by COVID-19. *Research, Society and Development*, 11(1), e52411125205. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i1.25205>
- Brasil. (2022). Painel de controle COVID-19. <https://covid.saude.gov.br/>.
- Brasil. (2022). Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. Novo Coronavírus (Covid-19): informações básicas. <https://bvsmis.saude.gov.br/novocoronavirus-covid-19-informacoes-basicas/>.
- Brasil. (2020). Ministério da Saúde. Portaria Nº 356, de 11 de março de 2020. http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20356-20-MS.htm.
- Brasil. (2020). Ministério da Educação. MEC autoriza universitários da área de saúde a atuarem no enfrentamento ao coronavírus. <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/86641-mec-autoriza-universitarios-da-area-de-saude-a-atuarem-noenfrentamento-ao-coronavirus>.
- Brasil. (2022). Ministério da Educação. Portaria Nº 343, de 17 de Março de 2020. <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf>.
- Brasil. (2020). Ministério da Saúde. Ministério da Saúde prevê 140 milhões de doses de vacinas contra a Covid-19 no primeiro semestre de 2021. <https://antigo.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47594-ministerio-da-saude-preve-140-milhoes-de-doses-de-vacinas-contr-a-covid-19-no-primeirosemestre- de-2021>.
- Brasil. (2020). Governo do Brasil. “O Brasil Conta Comigo” convoca estudantes da saúde para atuarem no combate ao coronavírus. <https://www.gov.br/ptbr/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/04/201co-brasil-counta-comigo201d-habilita-estudantes-da-saude-para-atuar-no-combate-ao-coronavirus>.
- Cardoso, F. A. B., et al. (2015). Perfil do Estudante de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2013. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 39(1), 32-40. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e01092014>. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e01092014>.
- Carrascosa, M. M. C., et al. (2020). Medical Interns and COVID-19: results of national research. *Revista da Associação Médica Brasileira* [online]. 66(6), 812-817. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.66.6.812>. ISSN 1806-9282. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.66.6.812>.
- Chagas, C. S., et al (2020). As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Educação: Ensino Remoto Emergencial em Tempos de Pandemia. https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA119_ID2376_28072021223259.pdf.
- Chan, J. F. W., et al (2020). A familial cluster of pneumonia associated with the 2019 novel coronavirus indicating person-to-person transmission: a study of a family cluster. *The Lancet*, [S.L.], 395(10223), 514-523. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)30154-9](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)30154-9).



Duarte-Neto, A. N., et al (2020). Pulmonary and systemic involvement in COVID-19 patients assessed with ultrasound-guided minimally invasive autopsy. *Histopathology*, [S.L.], 77(2), 186-197. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/his.14160>.

Gi, A., et al (2020). Carta ao Editor: O Papel dos Estudantes de Medicina na Pandemia COVID-19 em Portugal. *Acta Médica Portuguesa*, [SI], 33(6), 445-445. ISSN 1646-0758. <http://dx.doi.org/10.20344/amp.13993>.

Gomes, V. T. S., et al (2020). A Pandemia da Covid-19: Repercussões do Ensino Remoto na Formação Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, 44(4), e114. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200258>.

Governo do Estado de Santa Catarina (2020). Decreto nº 515, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a necessidade de restrição da circulação de pessoas para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19. https://www.sc.gov.br/images/Secom_Noticias/Documentos/VERS%C3%83O_ASSINADA.pdf.

Lana, R. M., et al (2020). Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro. 36(3), e00019620. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00019620>.

Miranda, I. M. M., et al (2020). Qualidade de Vida e Graduação em Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, 44(3), e086, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20200068>.
Sales, J. R. C. (2021). Covid-19 e o aluno de medicina: qual a participação dos nossos internos?. *Revista Brasileira de Educação Médica* [online]. 2021, 45(03), e184. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20200503>.

Secretaria de Estado da Saúde (2020). Coronavírus em SC: Governador decreta situação de emergência e anuncia medidas restritivas para evitar contágio. <http://www.saude.sc.gov.br/>.

Silva, P. H. S., et al (2021). Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções. *Revista Brasileira de Educação Médica* [online]. 2021, 45(01), e044. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200459>. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 14, e357111436290, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.362909>

UNIPLAC (2022). Graduação em medicina Uniplac – Corpo docente. <https://www.uniplaclages.edu.br/graduacao/docentes/42-medicina>.

Vasconcelos, T. C., et al (2015). Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, [S.L.], 39(1), 135-142, mar. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e00042014>.

Zhu, N., et al (2020). A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019. *New England Journal Of Medicine*, [S.L.], 382(8), 727-733, 20 fev. 2020. Massachusetts Medical Society. <http://dx.doi.org/10.1056/nejmoa2001017>.